



DÍALOGOS ENTRE A REBELDIA E A ANDROGINIA

DÍALOGOS ENTRE LA REBELDÍA Y LA ANDROGINIA

DIALOGUES BETWEEN REBELLION AND ANDROGYNY

*Carlito Lins de Almeida Filho*¹

*Jhonattan William Cardoso Silva*²

RESUMO

Através deste ensaio, buscamos um diálogo interdisciplinar entre a filosofia e as ciências sociais, buscando uma conceituação destas ditas juventudes, a maneira nas quais se comportam, buscando sempre aproximação a moratória vital, justificando-se assim tais atitudes, tais como sua representação estética, com a permissividade de transitar entre os gêneros sem “ferir” a moralização na qual se encontram, seja de maneira corpórea, com cabelos compridos e modos de agir ou mesmo através de vestes e maquiagens definidos socialmente de sexo oposto, ou seja através de uma luta através da arte, utilizando a música, em evidência aqui o *rock*, para justificarem a identidade do grupo social, a luta entre classes, gênero e outras diversas maneiras de utilizarem desta ferramenta artística para que, através destas ações vistas como desordem moral, busquem uma autoafirmação que unifique o embate social de gênero e grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Rock. Androginia. Gênero.

RESUMEN

A través de este ensayo, buscamos un diálogo interdisciplinario entre la filosofía y las ciencias sociales, buscando una conceptualización de estas denominadas juventudes, la manera en que se comportan, buscando siempre aproximación a la moratoria vital, justificándose así tales actitudes, tales como su representación estética, con la permisividad de transitar entre los géneros sin "herir" la moralización en la que se encuentran, sea de manera corpórea, con cabellos largos y modos de actuar o incluso a través de vestiduras y maquillajes definidos socialmente de sexo opuesto, o sea a través de una lucha a través del arte, utilizando la música, en evidencia aquí el *rock*, para justificar la identidad del grupo social, la lucha entre clases, género y otras diversas maneras de utilizar de esta herramienta artística para que, a través de estas acciones

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Sociais. Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Parnaíba, Piauí, Brasil.

² Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Sociais. Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Parnaíba, Piauí, Brasil.

vistas como desorden moral, busquen una. autoafirmación que unifique el embate social de género y grupos sociales.

PALABRAS-CLAVE: Juventud. Rocz. Androginia. Género.

ABSTRACT

Through this essay, we seek an interdisciplinary dialogue between philosophy and social sciences, seeking a conceptualization of these so-called youths, the way in which they behave, always seeking to approximate the vital moratorium, thus justifying such attitudes as their aesthetic representation, with the permissiveness of transiting between the genders without "hurting" the moralization in which they are, either bodily, with long hair and ways of acting or even through socially defined clothing and makeup of the opposite sex, ie through a struggle through art, using music, rock here, to justify the identity of the social group, the struggle between classes, gender and other diverse ways of using this artistic tool so that, through these actions seen as moral disorder, seek a self-affirmation that unifies the social struggle of gender and social.

KEYWORDS: Youth. Rock. Androgyny. Genre.

Introdução

Durante as décadas de 60 e 70 do século XX, a juventude vestia-se de alegria, roupas multicoloridas perfaziam os padrões da moda, principalmente no cenário *underground*³, no qual ídolos se formavam na cena *rock* e influenciavam a juventude à subversividade, abrindo precedentes aos diálogos sobre sexo e gênero, considerados ainda tabus, reprimidos a serem falados na academia, escolas e na sociedade geral.

A herança histórica deixada após a realização de *woodstock*⁴ e a geração *beats*⁵, promoveu uma enorme variação de estilos no *rock*, dentre estes daremos maior destaque aos estilos *glam rock*, *rock* inglês dos anos 80 e o chamado *gay-rock*, provindos da década de 80. O que Mugnaini (2007) chama de *rock* inglês dos anos 80, ganha destaque na época por vídeos bem produzidos, ganhando assim a notoriedade televisiva das bandas e projetando o início dos embates entre gênero e sexualidade na época, bandas como *Duran Duran*, *Culture Club* e *The Smiths* são algumas que podemos destacar como identidade do chamado *rock* inglês dos anos 80.

³ Underground ("subterrâneo", em inglês) é uma expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

⁴ *Woodstock Music & Art Fair* (conhecido informalmente como *Woodstock* ou *Festival de Woodstock*) foi um festival de música realizado entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 na fazenda de Max Yasgur na cidade de Bethel, no estado de Nova York, Estados Unidos. O festival exemplificou a era da contracultura do final da década de 1960 e começo de 70.

⁵ A expressão passou a vigorar nos círculos desses jovens escritores a partir do início dos anos 1950. Assim, o uso do termo "beat" tornou frequente-se e sua polissemia (múltiplos significados) também. Um jovem beat poderia ser, a um só tempo, um marginal (batido, no sentido de sujo ou escorraçado) e um amante do som do Jazz, por exemplo, já que beat também significa "batida" (ritmo musical).

Mugnaini (2007) chama de *gay-rock*, embora não seja politicamente correto separar música por sexo, astros da década de 70/80 que tinham notoriedade musical, porém carregavam o estigma de sua condição sexual. A cultura gay sempre foi bastante influente em todo o *rock*, Elton Jhon, Annie Lennox da banda *Eurythmics*, *Village People*, principalmente com a música Y.M.C.A., o camaleônico David Bowie e Boy George da banda *Culture Club* são alguns dos maiores destaques para isso que foi chamado de *gay-rock*.

Artistas são grandes formadores de opinião, através das décadas influenciaram comportamentos, lançando tendências. Assim as juventudes das décadas de 70 e 80 incorporaram o *habitus*⁶ de seus ídolos. Ela era a força motriz que movia o *rock*, a moda, o cinema, a literatura, a política e a sociedade como um todo. Embora a elite conservadora se colocasse contra, o estado de libertação era unânime e incessantemente procurado pelos jovens. Assim surgiu, na cena underground inglesa, o fenômeno *glam rock*.

A palavra *glam* deriva de *glamour* ou glamoroso, e, no dicionário urbano, tornou-se, graças ao seu fenômeno cultural nos anos 70, um adjetivo dado a indivíduos que se vestem de forma exuberante, chamativa, geralmente com cores fortes e muito brilho. O movimento penetrou tão profundamente na cultura urbana que deixou de ser apenas uma moda, ou uma prossecução de um subgênero do *rock*, mas um ponto de vista, uma posição ou convicção e, principalmente, uma forma de exteriorizar uma personalidade ousada e progressiva numa luta política.

Mugnaini (2007) apresenta um diálogo sobre a androginia na cena *rock*.

Não só o verdadeiro sexo forte, a mulher vem conquistando espaço no *rock*: o chamado terceiro sexo também mostra a que veio, combinando as sensibilidades masculina e feminina, ainda que apenas como postura artística, não necessariamente refletindo a verdadeira inclinação do artista. É o caso do cantor e compositor inglês David Bowie, que estourou nos anos 1970 como andrógino, postura que abandonou antes do fim da década. (MUGNAINI, 2007, p. 60)

A androgenia que colocamos em voga relaciona-se com a questão da diversidade, a inviolabilidade dos corpos utilizando da estética e musicalidade promovendo a rebeldia juvenil e artística desse fenômeno que é homem em uma sociedade que modula seus comportamentos.

⁶ **Habitus** é um sistema de disposições incorporadas, tendências que organizam as formas pelas quais os indivíduos percebem o mundo social ao seu redor e reagem a ele. (BOURDIEU, 1999)

Afinal, o que é andrógino?

A androgenia ganhara demasiado destaque nas décadas finais do século XX, porém, devido aos temas gênero e sexo serem tabus na época (como se hoje ainda não o fossem?!), a homossexualidade e conseqüentemente a androginia não passavam de uma palavra para descrever artistas que apresentavam as culturas masculina e feminina no mesmo ser. Consideramos de suma importância apresentar “o mito de andrógino e as almas gêmeas” de forma resumida para que assim possamos avançar no diálogo sobre o tema proposto.

Na obra “O banquete”, Platão (2001) apresenta o mito de andrógino e as almas gêmeas, que fora referência de Aristófanes⁷ para cultuar o Deus do amor Eros. No início dos tempos os homens eram seres completos, de duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido para se deslocarem. Porém, considerando-se seres tão bem desenvolvidos, os homens resolveram subir aos céus e lutar contra os deuses, destronando-os e ocupando seus lugares. Todavia, os deuses venceram a batalha e Zeus resolveu castigar os homens por sua rebeldia. Tomou na mão uma espada e cindiu todos os homens, dividindo-os ao meio. Zeus ainda pediu ao deus Apolo que cicatrizasse o ferimento (o umbigo) e virasse a face dos homens para o lado da fenda para que observassem o poder de Zeus.

Dessa forma, os homens caíram na terra novamente e, desesperados, cada um saiu à procura da sua outra metade, sem a qual não viveriam. Tendo assumido a forma que nós temos hoje, os homens procuram sua outra metade, pois a saudade nada mais era do que o sentimento de que algo lhes faltava, algo que eram seus antes. Por isso, os homens vivem em sociedade, pois desenvolvem o trabalho para buscar, nessa relação amorosa, manter a sua sobrevivência. Dessa forma, o ser que antes era completo homem-homem (*Andros*) gerou o casal homossexual masculino; o ser mulher-mulher (*Gynos*), o casal homossexual feminino. E o andrógino (parte homem, parte mulher) gerou o casal heterossexual.

Engana-se quem pensar que androginia só se apresenta em sociedades complexas, Pierre Clastres (1978) em sua obra “Sociedade contra o Estado”, ao apresentar sua etnografia sobre os *Guayaki*⁸, relata sobre a divisão social do trabalho da tribo, o homem fica a cargo de ser o caçador da tribo, aquele que cuida da caça e da

⁷ Tragediógrafo grego.

⁸ Sociedade tribal de caçadores coletores localizada no sul do Paraguai.

coleta, tendo o arco como seu símbolo de virilidade e a mulher cuida da “casa” e tece cestos, tendo o cesto como símbolo de feminilidade.

Aqueles considerados pelos *guayakis* desafortunados na caça, tornam-se o que eles chamam de *panema*, que significa caçador infeliz, desafortunado. O *panema* passa não mais a ser considerado *aché* pela tribo, ou seja, o homem, adotando assim a função exercida pelas mulheres da tribo, e passa a carregar o cesto para simbolizar sua condição de *panema* e adentrar ao universo da divisão social do trabalho feminino. Porém, nem todo *panema* adota os trejeitos femininos ou mesmo assumem a “homossexualidade” na qual a tribo lhe impõe simbolicamente. Clastres (1978) apresenta o caso do *panema Chachubutawachugi*.

Chachubutawachugi era viúvo. Não possuía arco e para transportar os alimentos de sua coleta, tinha uma cesta que ganhou de presente. Com o azar na caça, obstruía seu acesso a mulheres e ele perdia parcialmente sua condição de homem. Era objeto de caçoada geral. Ele ficava intranquilo, nervoso com sua condição. Embora obrigado a renunciar as determinações masculinas, ele continua homem. Não aceitou ser homossexual e as mulheres não o aceitam, portanto não está em lugar nenhum. Era considerado anormal, ninguém o respeitava. Carregava a cesta sobre o peito, diferente das mulheres que carregavam sobre a testa, mantendo sua condição de homem. (CLASTRES, 1978, p. 76)

Conforme apresentado por Clastres (1978), temos um caso similar de androginia em sociedades não complexas, porém um tipo de androginia imposta pela comunidade, apresentada de forma latente ficando na condição de “não lugar”⁹, transitado no que denominamos de terceiro sexo, ou androginia.

As últimas décadas do século XX, assim como as primeiras décadas do século XXI, vem promovendo maiores debates sobre sexualidade e gênero, e deve-se agradecer por boa parte desta notoriedade sobre o assunto a arte, em especial a música.

Como anunciado na introdução deste ensaio, o *rock* teve papel primordial nesta disputa de lugar nos debates sobre sexualidade e gênero. A permissividade concedida à artistas desta *La Belle Èpoque*¹⁰ do *rock*, oferecendo essa fluída transposição da cultura masculina para a cultura feminina e vice-versa, deu espaço aos chamados andróginos, que adotavam perfis do sexo oposto para, além de manifestação artística, apresentarem

⁹ Diz-se “não lugar” na antropologia a condição daquilo que não é, ou ainda daquilo que talvez um dia terá lugar.

¹⁰ Em filosofia - Suspensão de juízo.

suas posições políticas no duelo de ideologias que há muito suprimiam (e ainda suprimem) a discussão sobre gênero e sexualidade.

A androginia e o legado de rebeldia juvenil

Durante boa parte do século XX o diálogo sobre sexo e gênero foi considerado tabu e fora suprimido inclusive na academia. Nas palavras de Pierre Bourdieu,

[...] a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não precisa de se enunciar em discursos visando legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica tendendo a ratificar a dominação masculina em que assenta [...] (BOURDIEU, 1999, p.9).

Os modelos do homem “viril” e da mulher “frágil” já estão legitimados nessa perspectiva e tudo que difere disso causa esse estranhamento, desta forma Louro (2000) argumenta que,

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, [...] gays e lésbicas são descritos como desviantes da Norma heterossexual. (LOURO, 2000, p. 9)

No entanto no andrógino as duas culturas (masculino e feminino) coexistem e convivem, disfarçadas em uma só. Porém no campo da arte, a permissividade em transitar entre gêneros com “maior sutileza” no julgamento moral da sociedade, permitiu trazer o debate sobre identidade de sexo e gênero com caráter de enfrentamento deste tabu social. Já que a liberdade, como afirmamos outrora era a força motriz que movia o rock, a moda, o cinema, a literatura, a política e a sociedade como um todo, muito embora a elite conservadora se colocasse contra, o estado de libertação era unânime e incessantemente procurado pelos jovens.

A cultura *glam* teve uma grande influência na aceitação social e individual de inúmeros dogmas presentes na sociedade daquele início de década, como a sexualidade. O estilo ia muito além da distinção entre o masculino e feminino—ele navegava nas ondas coloridas da androginia. A era *glam* começou sendo mais um movimento da moda nascido no subúrbio de Londres, mas foi pouco a pouco modificando a forma como as pessoas olhavam para si próprias e descobriam como queriam ser vistas.

O que começou apenas como uma tendência *fashion*, culminou em uma profunda ruptura do *modus operandi* do cotidiano, causando uma reação em cadeia na qual artistas se sentiam influenciados, e, influenciavam pessoas comuns, que também se sentiam artistas por estarem no controle de si mesmos — e de sua própria arte.

A representação através de manifestações no campo da arte e da moda demonstram, a problemática apontada aqui como rebeldia, como manifestação de descontento social por via das interações sociais de grupos distintos, geralmente conflitantes, representada numa luta de campos¹¹ nas quais os grupos sempre apresentarão argumentos para validação de seu senso moral perante o outro. O grande problema apontado aqui dar-se-á pelo fato de que, no quesito sexualidade e gênero, num quadro fora do campo da arte, acentua a agressividade do grupo dominante ante o grupo dominado, e, de certa forma, alavanca uma série de manifestações contestatórias.

Pais (2006) apresenta alguns dados de uma pesquisa realizada sobre juventude rebelde, no qual diz,

Num estudo recente realizado em Portugal, com base numa amostra representativa da população jovem, constatamos que entre os jovens rebeldes, 9% do total dos inquiridos, havia uma sobre-representação dos que reconheciam que ‘a vida é um aborrecimento’. Mas eles próprios eram dos que mais aderiam a atitudes de vida orientada para a valorização do risco e da diversão[...]Para estes jovens o risco parece corresponder a uma forma de libertação mediante evasão...Um risco toma-se, não surge por acaso. (PAIS, 2006, p.11).

A juventude não pode ser apontada apenas para uma maneira de controle social, para estabelecer uma relação de poder do universo “adulto” para o universo juvenil, para isso, trazemos a ideia de que a juventude passa por um processo de moratória vital, sendo este período determinado para o processo de aprendizagem dessa “juventude”, para adentrar ao universo “adulto”. Porém a juventude não participando de uma taxonomia etária, e uma parcela se reconhecendo nas lutas políticas de seus ídolos, e, incorporando para si tais lutas, gera este fenômeno que chamamos de rebeldia juvenil.

As manifestações de rebeldia, pautadas em debates que desagradem o *mass media*¹², além de minorizarem as lutas de causas, oferecem ao *mass media* oportunidade de criminalizar, ou, romper com determinados movimentos como no caso dos rolezinhos, um movimento que adquiriu repercussão nacional no fim do ano de 2013,

¹¹ Campo na teoria de Pierre Bourdieu.

¹² Cultura de massas.

que também está atrelado às juventudes tendo sido recebido como transgressor pelas camadas médias da sociedade.

Conclusão

A juventude da qual propomos tratar, presenciou e participou das mudanças no âmbito das questões relacionadas a gênero na época, colaborando para a abertura aos debates sobre gênero e sexualidade. Viveram o surgimento de grandes movimentos sociais que se expressavam na música, na arte e de diversas formas, reivindicando mudanças, aceitação, educação, nos âmbitos escolares e morais (ou não), em determinado contexto histórico.

As revoluções do sexo, através das manifestações artísticas, principalmente nestes contextos que explicitamos nesta pesquisa, abriram precedentes a artistas brasileiros também participarem desta revolução, tais como Ney Matogrosso, Rita Lee e Caetano Veloso, autores estes, referências artísticas e frequentemente utilizados como ferramentas educacionais para trabalharem temas em que se propõe tais discussões.

De maneira alguma buscamos esgotar aqui o diálogo sobre uma temática muito dialogada, porém com muito pouca produção acadêmica que trate a questão da androginia, mesmo no campo da filosofia. Buscamos aqui apresentar não somente uma contextualização sobre o assunto abordado, mas também abrir discussões sobre a multiplicidade de juventudes que poderíamos elencar, de acordo com contratos sociais, idade ou grupos sociais, enfatizando a luta constante e precisa para debater gênero e sexualidade.

Notamos também a difícil aceitação perante qualquer elemento que surja fora da binaridade masculino e feminino, ainda mais se apresentar características dos dois sexos num mesmo ser, como no caso do andrógino. Porém vale ressaltar que a androginia, assim como a homoafetividade quando manifestada no universo que se aproxime do feminino, não gera este desconforto pautado em agressividade na mesma proporção que se aproxime da homoafetividade do universo masculino, o “viado” (PARKER, 1991) apresenta-se mais agressivo para os julgamentos morais que a “sapatão”, como por exemplo os casos de Boy George, por conta de seus traços masculinos serem mais visíveis e o caso da cantora Annie Lennox, da banda Eurythmics, ambos andróginos.

Esperamos que este ensaio possa se valer de ponte para que tanto pesquisa quanto debates sobre o tema venham a serem propagados e disseminados, afinal, enquanto a juventude estiver disposta a se rebelar, a esperança não nos falhará.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 [1930].

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. In Rio de Janeiro, 1978.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997.

LOURO, Guarciana Lopes et al. *Educação sexual: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MUGNAINI JR, Ayrton, *Breve história do rock*, Editora Claridade, São Paulo, 2007.

PAIS, José Machado, *Culturas Juvenis – Novos mapas do afeto*. Zahar, Rio de Janeiro, 2006.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PLATÃO. *O Banquete – Apologia de Sócrates*, 203b a 204c/ Platão; tradução de Carlos Alberto Nunes – 2. ed. rev. – Belém: EDUFPA, 2001.

PEREIRA, Claudia da Silva, *Comunicação, mídia e consumo -Juventude como conceito estratégico para a publicidade*. Volume 7, n18, Março, 2010, p. 37 – 54.

Recebido em Outubro de 2018.

Aprovado em Dezembro de 2018.